

# Terminologia da ciência da informação: abordagem da análise do discurso

■ Else Benetti Marques Válio

Bibliotecária de Referência do Campus Saúde do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais - Unilestemg - email: [bblbi@unilestemg.br](mailto:bblbi@unilestemg.br)  
Graduada em Biblioteconomia pela UFMG em 1997.

■ Vanda de Fátima Fulgêncio de Oliveira

Bibliotecária do DTG - CAISM - FCM/Unicamp

O objetivo da investigação foi conhecer o escopo da ciência da informação, em uma perspectiva pós estruturalista de Foucault. Buscou-se analisar as formações discursivas presentes nas produções científicas da ciência da informação, descrever os discursos sobre a terminologia. Foram definidas as questões: Como se deu o processo de formação da disciplina? Como se vem processando a construção da terminologia da ciência da informação? A Análise do discurso foi escolhida como método de estudo, tendo como meta afastar-se das metodologias tradicionais.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Ciência da informação - Ideologia; Ciência da informação - Formações discursivas

Recebido em: 30.06.2003 Aceito em: 14.10.2003

## Introdução

O objetivo do trabalho foi discutir, em uma perspectiva pós-estruturalista (Foucault, 1997), o escopo da ciência da informação. Identificar as famílias discursivas presentes nas produções científicas, descrever e verificar a abrangência terminológica da área em estudo. É necessário, já de início, questionar o que é discurso.

O discurso é um objeto social, é um processo e não um conjunto de enunciados portadores de significação. Sua especificidade é a materialidade lingüística, produto de contradição, equívoco e ideologia.

Esclarecendo melhor, discurso são “[...] *practices that systematically form the objects of which they speak... Discourses are not about objects; they do not identify objects, they constitute them and in practice of doing so conceal their own invention*” (Ball, 1992, p.2).

Foucault (1997) concebe os discursos como uma dispersão, isto é, como sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Cabe à análise do discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger a formação dos discursos. Tais regras, chamadas por Foucault de regras de formação, possibilitariam a determinação dos elementos que compõem o discurso, a saber: os objetos que aparecem, coexistem e se transformam em um espaço comum discursivo; os diferentes tipos de enunciação que podem permear o discurso; os conceitos em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo, relacionados em um sistema comum; os temas e teorias, isto é, o sistema de relações entre diversas estratégias capazes de identificar uma formação discursiva, aquilo que deve ou pode ser dito, permitindo ou excluindo certos temas ou teorias (Brandão, 1996, p.28).

Há entre a ciência da informação e outras áreas um vínculo com relação aos conceitos, pois eles são formados por terminologias oriundas de outras disciplinas, como a biblioteconomia e a informática (Santos, 2001). Os termos constituintes de outras terminologias transformam-se e passam a ter novos significados na ciência da informação.

Para que os conceitos dos termos sejam definidos, é mister propor o modo como eles serão identificados. Este modo, em nosso entender, é aquele proposto pela análise do discurso, ou seja: aquela que “[...] *trata a questão da interpretação, restituindo a espessura à linguagem e a opacidade aos sentidos. Ela propõe, então, uma distância, uma desautomatização da relação do sujeito com os sentidos*” (Orlandi, 1996, p.90). Portanto, a análise do discurso compreende a natureza social do discurso, isto é, compreende a historicidade do texto. A análise do discurso, de origem francesa, investiga nos textos os *conteúdos* da história.

Em vista do que foi dito, a análise desenvolvida nesta pesquisa teve como objeto de estudo textos selecionados da ciência da informação, o que torna necessário explicitar o conceito de texto que se quer focalizar nesta investigação: “[...] *é uma unidade complexa - um todo que resulta de uma articulação - representando, assim, um conjunto de relações significativas individualizadas em uma unidade discursiva*” (Orlandi, 1996).

Para fundamentar a teoria temática que se pretende delinear nesta investigação, é preciso entender também o que seja terminologia.

A terminologia estuda os termos de uma área do conhecimento e, portanto, estabelece as características discursivas de cada uma das disciplinas, ou seja, descreve os usos terminológicos oriundos de um sistema de discursos daquela área.

Terminologia, em uma concepção ampliada, é o estudo dos termos especializados. Cabré (1995, p.313) discute a terminologia em três domínios úteis: na filosofia, na lingüística e nas ciências técnico-científicas. Para a filosofia, os termos são uma forma de conhecer; na lingüística são *unidades de significação* e para as especialidades em geral são *unidades de denominação* (p.291). São, portanto, três domínios que se interligam: conhecemos o mundo denominando-o, nome esse que tem para nós um significado, cuja *unidade de denominação* das especialidades transmite para o leitor um conhecimento.

A relação desses três domínios é sustentada pela história, conforme adverte Boulanger (1995, p.317): “[...] a história de cada língua formata e caracteriza seu léxico, sua semântica, sua lexicografia moderna”.

Nas disciplinas técnico-científicas, como alerta Cabré (1995, p.290), “[...] a terminologia é um conjunto de unidades de expressão que permitem transferir o pensamento especializado”, pois “os termos são, para as especialidades, uma maneira de transferir, de comunicar”.

Schrader (1986, p.175) entende que os conceitos são expressos em um *sistema de termos lingüísticos*, que marcam uma relação unívoca, considerando-se o aspecto semântico dos termos. Conhecer um domínio de uma área é conhecer suas expressões lingüísticas, ou seja, conhecer a carga semântica de cada *unidade significativa*. Entretanto, a carga semântica não está explícita nos termos, mas, sim, envolvida em um processo histórico, que se consegue pelo próprio desenvolvimento do contexto de uma área do conhecimento.

Na visão foucaultiana, disciplina, ou seja, uma área determinada do conhecimento é o conjunto dos enunciados constituintes da mesma formação discursiva, inserido no processo histórico, cujo conjunto pode configurar uma disciplina em sua unidade total. Assim, se “[...] entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder ser definida uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva” (Foucault, 1997, p.43). No entanto, estas formações discursivas realizam-se pelas regras de formações, que são “[...] condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva” (Foucault, 1997, p.44).

A disciplina ciência da informação, campo desta pesquisa, de acordo com Costa (1990, p.137), “[...] deve ser posicionada no quadro histórico da Ciência”, pois ela pode ser reconhecida como uma disciplina que se originou de outras, fato freqüente na história das ciências, segundo aquele autor. Assim, compreende Costa que a ciência da informação é oriunda da documentação, que, por sua vez, derivou da bibliografia, que foi sistematizada pela biblioteconomia.

A ciência da informação tem mostrado nas pesquisas acerca da interdisciplinaridade uma preocupação com a construção do consenso na construção dos conceitos (Schrader, 1986).

Considerando-se os aspectos teóricos, foram propostos o objetivo e o método desta pesquisa.

Seu objetivo consistiu em analisar o funcionamento discursivo da

ciência da informação pela análise do discurso de textos, que fazem parte desta disciplina e que foram especificamente selecionados para o conhecimento da historicidade das formações discursivas da área, principalmente com relação a terminologia.

Ao eleger como método a *análise do discurso* tem-se como objetivo um afastamento das metodologias tradicionais que se apoiam na racionalidade como um *a priori*, construídas na modernidade a partir do cogito cartesiano. Dessa forma desaparecem o sujeito ou a figura do autor enquanto concepção idealizada, o importante aqui é a materialidade discursiva, o encontro entre o histórico e o lingüístico, os discursos e suas regras de formação. Para isso, é importante que se considere a presença da interdiscursividade: relação de um discurso com outros discursos.

Para Maingueneau (1997), a interdiscursividade tem um lugar privilegiado no estudo do discurso: ao considerar o interdiscurso objeto, procura-se apreender não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas diferentes. Nesse sentido, dizer que a interdiscursividade é constituída de todo discurso é dizer que todo discurso é originário de um processo histórico sobre outros discursos.

Os discursos das disciplinas do saber desenvolvem-se no processo do conhecimento em uma determinada área, atribuindo a ela o estatuto de ciência (Lucas, 1997). A legitimação de uma área do conhecimento é alcançada através das definições de objeto de estudo, de metodologias de pesquisa, de uma terminologia específica, que qualifica o próprio estatuto da área (Lucas, 1996).

No processo do exercício discursivo, o transmitir a informação e o fixar os conhecimentos, que são articulados pelas autoridades da área, sedimenta-se o saber científico. A argumentação, que torna o conhecimento de fato, promovida por questões pontuais, compõe o saber consolidado. Esse conhecimento, de conteúdo referencial, constitui-se no saber institucionalizado e legitimado. Sendo, assim, o estabelecimento de uma cientificidade pode ser conseguido por meio de enfoques diferenciados, que permitem a expansão de sentidos. Os sentidos, expandidos por discursos polêmicos, em sua intertextualidade, são limitados em sua produção naquilo que é esperado em sua recepção discursiva. Entendido desse modo, o discurso de uma área de conhecimento propõe-se, para a constituição de uma análise dos discursos, no que diz respeito à interdisciplinaridade da ciência da informação, a abordagem da arqueologia do saber (Foucault, 1997).

*“A arqueologia não descreve disciplinas. Estas, no máximo, em seu desdobramento manifesto, podem servir de iscas para a descrição das positivities; mas não lhe fixam limites: não lhe impõem recortes definitivos; não se encontram inalteradas no fim da análise; não se pode estabelecer relação biunívoca entre as disciplinas instituídas e as formações discursivas”* (Foucault, 1997, p.202).

O termo *disciplina*, para Foucault (1997, p. 201), significa “[...] conjuntos de enunciados que tomam emprestado de modelos científicos sua organização [...]”, que são compreendidos como ciências. Desse modo, a formação discursiva de uma disciplina é incorporada por meio de *projeção retrospectiva*, isto quer dizer no olhar lançado para o passado, na busca de traçados que antecederam as conjunturas já incluídas no futuro.

Com a fundamentação teórica descrita por Foucault (1997), no método de análise do discurso serão considerados o quadro epistemológico de Pêcheux (1991), que se articula em três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico, fundamentado na *teoria da ideologia*; a lingüística, com

enfoque na *teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação* e a teoria do discurso, que focaliza a *teoria da determinação histórica dos processos semânticos*, incluindo o estudo da terminologia.

Com a fundamentação teórica da análise do discurso, a pesquisa efetivou-se em um *corpus* especificamente selecionado para tal fim. A seleção do *corpus de análise* foi fundamentada, primeiramente, em dois autores, Wellisch e Schrader, dois estudiosos representativos da área da ciência da informação, pertencentes a uma mesma *família discursiva*, pois ambos investigaram a mesma temática, o modo como se desenvolveu a formação discursiva da ciência da informação.

Se, por um lado, o primeiro autor preocupou-se com a investigação da formação terminológica; o segundo estudou o domínio da ciência da informação, atendo-se à conceituação da disciplina, pesquisando, inclusive, os antecedentes históricos dos conceitos. Ambos os autores realizam uma revisão de literatura com vistas à formação discursiva dos conceitos e da terminologia da ciência da informação. Desta feita, são esses dois autores importantes para o estudo da formação terminológica da área, os escolhidos, tendo em vista a temática adotada para esta pesquisa.

A seleção do texto de Galvão teve como objetivo analisar uma pesquisa epistemológica sobre a ciência da informação, por ser uma investigação atual (1997) e que também contribuiu para o entendimento da formação discursiva da disciplina.

O *corpus* primeiro foi definido, conforme é demonstrado em seguida:

GALVÃO, M. Cristiane. *Ciência da Informação: um estudo epistemológico*. São Paulo, 1997, 410 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo.

SCHRADER, A. M. The domain of information science: problems in conceptualization and in consensus-building. *Information Services & Uses*. North Holland, n. 6, p.169-205, 1986.

\_\_\_\_\_. In search of a name: information science and its conceptual antecedents. *Library of Information Science Research*, n. 6, p.227-271, 1984.

\_\_\_\_\_. In search of a definition of library and information science. *Canadian Journal of Information Science*, n.9, p.59-77, 1983.

WELLISH, H. From information science to informatics: a terminological investigation. *Journal of Librarianship*, n. 4, p.151-187, 1972.

É preciso enfatizar que um segundo *corpus* foi-se constituindo à medida que a pesquisa assim o exigiu.

Como o objetivo foi realizar uma análise do discurso das formações discursivas da disciplina ciência da informação, as categorias de pesquisa propostas por Foucault (1997) foram também definidas como procedimentos do método de investigação. Assim, são consideradas neste estudo como categorias de análise do discurso, aquelas entendidas consideradas como constituintes das formações discursivas que, por sua vez, caracterizam uma determinada disciplina. No caso específico da ciência da informação, foram estabelecidas, portanto, as seguintes categorias de análise de pesquisa:

1. As unidades de discurso;
2. As formações discursivas;
3. A formação dos objetos;
4. A formação das modalidades enunciativas;
5. A formação dos conceitos;
6. A formação das estratégias.

## Análise das unidades de discurso

Schrader (1986) analisa textos representantes de três décadas (1960-1980), os quais têm como tema a conceituação da ciência da informação, cuja autoria é assinada por autores oriundos de diferentes países. Tais textos chegaram às referidas definições através de análises empíricas sobre processos como temas de investigação: currículos educacionais; práticas profissionais, lista de periódicos da área e análise de bibliografias. Tal prática empiricista para a definição de conceitos é, segundo o próprio autor, inadequada. Propõe, ao invés disto, um *a priori* lógico-formal para a definição dos termos da ciência da informação, baseado na análise lógica, campo da filosofia.

Em sua análise, ao buscar uma definição conceitual do domínio, Schrader (1986, p. 275) afirma que “*Concepts must be expressed as a system of linguistic terms*”. Afirmação bastante óbvia, que se completa em “*to describe a domain is to know its linguistic expression*”. O conjunto das expressões lingüísticas caracteriza a terminologia de um domínio. A partir desses aspectos, o autor investiga a natureza do domínio, isto é, a conceituação da ciência da informação, elencando uma série de expressões lingüísticas, que é entendida como confusão e ambigüidade dos escritores. Assim, as definições encontradas por Schrader são consideradas como um contraste entre a ciência da informação e a biblioteconomia e a ciência da biblioteca. As expressões lingüísticas, portanto, são vistas como confusão e não como possibilidade de estabelecer-se um domínio.

Conclui o autor nesse momento que “*Surely information science can not be, at one and the same time, a ‘multiple paradigm’ science and a ‘pre-paradigmatic’ science*” (Schrader, 1986, p. 178). Por que não? As ciências, principalmente as humanas, têm-se concretizado em estatuto científico pela multiplicidade de paradigmas que as constitui, pelas possibilidades de sedimentar-se no percurso histórico da diversidade paradigmática, que se representam em movimentos histórico-epistemológicos, propostos pela filosofia. Assim, os paradigmas da ciência da informação ainda estão em processo, dada a idade que é apresentada por ela. É justamente a diversidade das “*definições de termos genéricos*” (Schrader, 1986, p. 184) que poderão dar as bases para realizar o *conceptual overlap* necessário para a conceituação da ciência da informação.

A análise realizada nos discursos de Schrader (1983, 1984, 1986) e no de Galvão (1997) objetivam mostrar que, mesmo dentro de uma mesma família, os discursos não são *ilhas de coerência*, mas *sistemas de dispersão* (termos usados por Foucault). Os dois autores pretendem, em seus discursos, conceituar ciência da informação.

Galvão, diferentemente de Schrader, dispensa o *a priori* lógico-formal, buscando experiências teórico-práticas concretas (dissertações e teses), realizadas em uma universidade brasileira. O objeto teórico de estudo, delineado pela autora, está centrado na comparação entre as especificidades da ciência da informação e as especificidades da biblioteconomia e documentação (Galvão, 1997, p.31).

Realmente, cada uma das áreas apresenta as suas especificidades que estabelecem limites próprios, como objetos de pesquisa, objetivos, metodologias, terminologias, caracterizados pelos discursos de cada saber. Na formulação do objeto teórico, Galvão (1997, p.31) diz que não quer “[...]”

*afirmar que a ciência da informação existe*". Neste recorte, é possível ver já uma pré-disposição em não aceitar a ciência da informação como um campo do saber, pois talvez ela (a ciência da informação) nem exista, ou seja, em nível de discurso, a *conjectura* apresenta um certo determinismo, mas Galvão (1997, p. 9) compromete-se a estudar as especificidades de cada uma das áreas. Questiona sobre a relação entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação e pergunta [...] "*qual seria a base de sustentação e especificidade desta última*"? Isto significa entender *a priori* que as duas primeiras têm uma base de sustentação, mas é preciso investigar a última.

Assim, nota-se, nas primeiras formulações, que a pesquisa objetiva verificar se a ciência da informação tem o estatuto de área do conhecimento. A biblioteconomia e a documentação servem como paradigmas para testar aquela. Ao delimitar o problema da pesquisa, Galvão (1997, p.32) considera que

*"A identificação das especialidades da ciência da informação parece ser mais complexa, pois o indício que estamos considerando para o seu estudo é o de que o termo ciência da informação surge para denominar e representar uma tentativa teórica e prática de superação da biblioteconomia e da documentação".*

Apesar dos cuidados discursivos em introduzir o *problema I* da sua pesquisa (*parece ser, o indício, tentativa teórica*), a autora torna-se enfática ao afirmar que o surgimento da ciência da informação foi para ser a "*superação da biblioteconomia e da documentação*" (p.33).

A ciência da informação surge dentro de um contexto histórico, em um momento de transformações tecnológicas, que culmina com a necessidade de construção de um novo domínio de conhecimento, que fundamente o novo referencial teórico-tecnológico, que se concretiza em uma prática. Nenhuma das três denominações é superior ou inferior à outra, mas necessárias em cada contextualização histórica que se fizer presente. As três disciplinas existem, constituíram-se e cumprem ou cumpriram seu papel quando o processo histórico o exigiu.

São esses dois autores, embora em enfoques diferentes, entendidos como pertencentes a uma mesma família discursiva: a família das *precisões terminológicas*; buscam eles, entretanto, a precisão conceitual de modos diferentes. A ambos vale o conselho de Boulanger (1995, p.315): "[...] *a terminologia consiste, num plano lingüístico, em procurar os termos funcionais e organizados em um domínio, em criar termos novos no caso das coerências, em empregar esses termos nos discursos temáticos idôneos [sic], quer dizer, em implantá-los no uso*".

Apesar de concordarmos com as palavras de Boulanger, há um estranhamento quanto à idoneidade dos discursos. As *unidades significativas* não se completam em si mesmas, mas no contexto do próprio discurso, o qual está inserido em outros discursos, que se completam no processo histórico.

Em síntese, para a lingüística, os termos são uma maneira de *saber* e não só uma representação do saber, que se constitui na própria prática discursiva. Para as diferentes disciplinas científico-técnicas, a terminologia é um conjunto de unidades de expressão e comunicação que permite transferir o pensamento especializado. O importante é essa concepção e o valor do intercâmbio de termos, pois nesta interação, os termos são uma maneira de

transferir e de comunicar (Cabr e, 1995, p.290) e de constituir o discurso, que se quer espec fico de um saber.

Galvão (1997) pesquisa experi ncias te rico-práticas concretas, pois delimita como objeto de estudo as teses de doutorado e disserta es de mestrado de uma determinada institui o. O objeto te rico de estudo está centrado na compara o entre as especificidades da ci ncia da informa o e as especificidades da biblioteconomia e documenta o, o que implica em estudar as rela es entre as tr s áreas do saber, pois segundo Galvão (1997):

*“[...] grande parte dos cursos, dos institutos e peri dicos que tinham em seus nomes os termos biblioteconomia e documenta o, em certo momento hist rico, substituem esses termos pelo ci ncia da informa o. Um segundo motivo para pensar tais rela es   o fato da literatura especializada, quer seja nacional ou internacional, muitas vezes, associar ou estabelecer equival ncia entre os termos biblioteconomia, documenta o e ci ncia da informa o sem necessariamente esclarecer os conceitos a que se referem.”*

Como segundo ponto de partida, Galvão decide discutir a base conceitual da biblioteconomia e documenta o e levantar alguns motivos para que estas áreas submetam-se (ou criem) uma nova terminologia. Em seguida, aponta que, freq entemente, afirma-se que a biblioteconomia e a documenta o t m por objetivos básicos a análise, organiza o e dissemina o da informa o e para a concretiza o de tais objetivos utilizam termos e conceitos como documento, análise, s ntese, representa o descritiva, base de dados, representa o da pergunta, usuário, e que “[...] outros termos e conceitos parecem ser necessários à biblioteconomia e documenta o, tais como informa o, linguagem, comunica o, administra o, servi o, usuário, informática”.

Galvão indica como problemas conceituais na biblioteconomia e documenta o a importa o de conceitos e denomina es de outras ci ncias ou disciplinas, principalmente de algumas teorias da administra o, da ling stica, da l gica, da comunica o. Esta importa o, visando ao uso imediato, segundo a autora, não permitiu  área o estabelecimento de a biblioteconomia e a documenta o procurarem no ecletismo uma justificativa, “[...] uma ruptura epistemol gica necessária para a constitui o de um arcabou o conceitual pr prio”.

  preciso lembrar, ap s as pondera es de Galvão (1997), que a arqueologia prop e “[...] uma análise comparativa que não se destina a reduzir a diversidade dos discursos nem a delinear a unidade que deve totaliz-los, mas sim a repartir sua diversidade em figuras diferentes. A compara o arqueol gica não tem um efeito unificador, mas multiplicador” (Foucault, 1992, p.183).

Dessa forma, os discursos não são um “[...] conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conte dos ou a representa es), nas práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 1992, p. 56).

A amplitude de natureza poliss mica do termo informa o, acreditamos,   a responsável pela variedade de sentidos atribuídos à unidade significativa - ci ncia da informa o. As unidades significativas das ci ncias s  podem ser compreendidas se analisadas dentro de um contexto discursivo cient fico e hist rico. Portanto, a ci ncia da informa o vem se constituindo como uma disciplina  parte da biblioteconomia e da documenta o, pois nos discursos acad micos notam-se estudos dirigidos para o objeto informa o cient fica e tecnol gica - ICT -, diferentemente das duas outras áreas, as quais t m como foco de estudo a organiza o de suportes e servi os de informa o e o



documento, respectivamente,

*“Além do mais, acreditamos que a terminologia, isto é, o conjunto de unidades significativas específicas da ciência da informação está contribuindo para o entendimento semântico da produção discursiva da área, diferente da biblioteconomia e da documentação. Esta é uma hipótese que perseguiremos ao realizar a análise do discurso do conjunto das unidades significativas selecionadas.”*

Em 1972, Wellisch realizou uma investigação terminológica da ciência da informação à informática, mostrando a interdisciplinaridade entre elas, analisando naquele momento específico a formação discursiva da disciplina. Analisa a questão da definição e questiona se a ciência da informação é uma ciência ou um conjunto de ciências, diferentemente de Galvão (1997), cuja indagação discute se a ciência da informação existe como ciência. Esse artigo de Wellisch (1972) e a dissertação de mestrado de Galvão (1997), juntamente com os artigos de Schrader (1983; 1984; 1986), que fazem parte do *corpus* desta pesquisa, como unidades discursivas, pertencem a mesma família, por apresentarem o mesmo conteúdo temático; no entanto, com discursos próprios. Cada um dos cinco trabalhos de pesquisa discute a questão do conceito da ciência da informação, levantando e descrevendo as diversas conceituações existentes no discurso da disciplina.

Nos três artigos de sua autoria, Schrader (1983; 1984; 1986) investiga o problema do domínio da disciplina, o que contribui para a discussão da constituição do objeto de estudo da área. O ponto focal da busca são os limites da ciência da informação com as outras disciplinas, ou seja, o espaço, a abrangência (domínio) da área, que envolve as modalidades enunciativas no levantamento e na avaliação dos termos.

O levantamento terminológico, realizado por Wellisch (1972), qualificou 39 definições para a ciência da informação, estudando ainda a frequência de cada um dos termos, com respeito à combinação das características semânticas: sinônimos e quase-sinônimos. Estudou, também, a frequência de todos os sinônimos e não-sinônimos. Fez, ainda, o levantamento do número de termos usados na definição de ciência da informação. Já Schrader (1983) focaliza a meta-teoria e a construção de uma teoria para a disciplina, com referência aos conceitos, os termos e as definições da área. Além desse enfoque, o autor desenvolve, do ponto de vista histórico-cronológico, o processo terminológico das disciplinas que fundamentaram a ciência da informação, ou seja: bibliografia, documentação, recuperação da informação, informática, bibliometria e a própria ciência da informação. Há uma terminologia principal, cujos termos são oriundos das seis disciplinas afins. Essa cronologia dos termos, teoricamente relacionados, teve uma abordagem compreendida no período de 1922 a 1980, tendo em vista a questão da conceituação da ciência da informação.

No ano seguinte, Schrader (1984) problematizou a questão do domínio da ciência da informação e da biblioteconomia. Os problemas de uma definição consensual da disciplina (entre os pares) e a determinação dos objetivos foram enfocadas pelo autor através de uma análise conceitual e lógica direcionada, entretanto, para a definição da ciência da informação. Há, portanto, uma proposta de metodologia para o questionamento da definição de domínio da biblioteconomia e a ciência da informação.

Um outro enfoque do artigo (Schrader, 1984) é aquele que discute as

funções do bibliotecário e do usuário, circunscritas a uma prática social. Em seguida, o autor classifica os objetivos da pesquisa e, como nos artigos anteriores aqui discutidos (Schrader, 1983; Wellisch, 1972), retoma a busca de uma definição do campo terminológico, ou seja, a caracterização do domínio da ciência da informação.

Nos discursos dos autores verifica-se a formação discursiva da disciplina: o conceito, os objetivos, a terminologia, a determinação dos limites do domínio, isto é, o campo de pesquisas da ciência da informação.

Em outro artigo, Schrader (1986) analisa e avalia as diferentes conceituações de ciência da informação, existentes até então. Nessa análise e avaliação, o autor busca nos discursos da literatura sobre a área as definições empíricas do domínio - a definição conceitual. Nesse artigo, Schrader (1986) investiga a natureza, o conteúdo, o foco e a função do domínio.

A partir dos discursos de Wellisch (1972) e de Schrader (1983; 1984; 1986), é possível compreender, na análise das modalidades enunciativas, reveladas no conjunto dos enunciados já descritos (de acordo com a teoria de Foucault), a formação dos objetos, dos conceitos e das estratégias da ciência da informação, o que tem contribuído para constituir a formação discursiva da disciplina enfocada.

Nos escritos de Schrader (1983; 1984; 1986), ele constrói uma *tipologia de funções genéricas do domínio da ciência da informação*, a partir de definições encontradas na literatura e na lista de conteúdos do domínio da área.

Portanto, a ciência da informação é uma disciplina do saber; não é necessário, afinal, questionar sobre a sua existência ou não, mas entender como ela se formou e como ela vem sendo constituída, isto é, compreender o seu estatuto de área do conhecimento, demonstrado nos discursos dos especialistas.

## Análise das formações discursivas e a formação dos objetos

As formações discursivas compõem-se pelo conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas *regras de formação* (Foucault, 1997). A formação discursiva concretiza-se na relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma mesma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. A partir de um lugar social e historicamente determinado, a formação discursiva determina o *que pode e deve ser dito* (Orlandi, 1996). Um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido.

O sistema de formação é estabelecido pela prática discursiva, pois esse sistema está impregnado pela carga ideológica, que permeia a formação do discurso de uma disciplina.

Conforme “*os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux*” (1969), nas práticas discursivas são elaboradas as condições para a formação do objeto de uma ciência. “*Logo, o objeto de uma ciência não é um objeto empírico, mas uma construção*” (HENRY, 1993, p. 16).

Como, então, tem sido formado o objeto da ciência da informação, tendo em vista os discursos da área?

A partir da análise dos *enunciados* da disciplina, com vistas à historicidade discursiva, é possível entender como se vem formando o(s) objeto(s) da disciplina (Evangelista, 2002). Que enunciados são esses que tratam da formação do(s) objeto(s) desta disciplina, diferentemente de disciplinas como

a documentação, a biblioteconomia, a bibliografia? As três disciplinas podem ser analisadas em interação com a ciência da informação, cuja argumentação é comprovada nas falas de Schrader (1983) e Wellisch (1972) na construção teórica dos conceitos dos termos e das definições da área. Há uma preocupação principal no que se refere à terminologia das três disciplinas. Pode-se igualmente refletir sobre outros enunciados presentes na literatura da área.

No dizer de Zaher & Gomes (1972, p.5) no mesmo ano em que Wellisch publica o seu artigo, são revelados os limites das disciplinas:

*“Novas formas de registro de informações ampliaram o âmbito da bibliografia, levando ao aparecimento da documentação. Necessidades sociais exigiram maior especificidade no tratamento da informação para cuja solução novos tipos de especialistas e novas tecnologias passaram a ser desenvolvidas originando a ciência da informação. Esta, como disciplina científica, passa a considerar bibliografia, biblioteconomia e documentação como suscetíveis de aplicar os resultados de suas investigações”.*

Neste limite, fica explicitado como se estabeleceu o relacionamento entre a ciência da informação e as outras três disciplinas. A ciência da informação, no entender das autoras, surge como uma possibilidade de aporte teórico-científico às três anteriores.

Nos discursos de Wellisch (1972), de Zaher & Gomes (1972), de Schrader (1983) e de Costa (1990) é discutido o surgimento de cada uma das disciplinas. Na análise desses discursos, acreditamos ser possível caracterizar o(s) objeto(s) das disciplinas enfocadas e, como consequência, investigar a formação do objeto de estudo da ciência da informação.

A bibliografia *“floresceu graças à invenção da imprensa”* (Zaher & Gomes, 1972, p. 5) e teve como propósito *“divulgar o conhecimento acumulado nos livros”*. Desde então são publicados os diferentes tipos de bibliografias: nacionais e especializadas (de cunho internacional), como demonstração da cultura dos autores.

Mais ainda, as bibliografias eram consideradas como um instrumento de pesquisa e tinham como finalidade desenvolver o conhecimento científico-tecnológico de cada momento histórico, pois desde o século XVI já existia a *“[...] idéia de elaborar um levantamento bibliográfico universal”* (Costa, 1990). Mas, foi somente no final do século XIX que a intenção de publicar uma bibliografia universal, que abrangesse toda a produção científica publicada, afirmou-se. Nesse momento, de acordo com Otlet (1937), o número de artigos publicados poderia atingir 600.000 produções.

*“Com o desencadear da Segunda Guerra Mundial, a necessidade da obtenção de informações científicas e técnicas, urgentes, obrigou a engenheiros, químicos, físicos, biólogos a deixar seus laboratórios de pesquisas e trabalho, para organizarem serviços especiais de informações, aos quais denominaram de centros de documentação”* (Sambaquy, 1978, p.52).

No dizer de Sambaquy, a documentação centrava-se *“[...] no domínio das informações e dados, que se apresentavam como unidades básicas de suas atividades”* (1978, p.53), e a biblioteconomia preocupava-se *“com o controle da produção bibliográfica”*.

Para Otlet, *“ [...] o documento era o livro, a revista, o jornal; a peça de*

arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; e também o filme, o disco e toda a parte documentária que precede ou sucede a emissão radiofônica [...]” (Zaher & Gomes, 1972, p.6). Como se pode notar, o objeto/documento era também o objeto físico. Desse modo, o objeto da bibliografia está identificado com a organização e normalização da produção científica, enquanto que o da documentação insere-se no âmbito das informações e dados, contidos em diferentes tipos de suportes e o da biblioteconomia atém-se ao controle da produção bibliográfica. Acrescente-se ainda, com enfoque à história da relação entre a biblioteconomia e à ciência da informação, o surgimento e o uso do computador nos serviços das bibliotecas, especificamente no processamento da informação (Hayes, 1985, p. 173).

Assim, para a análise da formação discursiva da disciplina, tendo como enfoque o objeto de estudo, devemos lembrar outras disciplinas, que mantêm um vínculo de identidade com a ciência da informação, ou seja, a informática (cujo aparecimento se confunde com a própria disciplina em foco), a recuperação da informação e a bibliometria. A identidade entre a ciência da informação e a informática pode ser comprovada na pesquisa realizada por Santos (2001).

Para entender a formação do objeto de estudo da ciência da informação é necessário demarcar as *superfícies primeiras* de sua emergência, descrever as *instâncias de delimitação* e analisar grades de especificação, não esquecendo das diferentes temáticas enfocadas como objeto de estudo (Foucault, 1997). É preciso, também, refletir sobre as relações, que possam existir entre as diferentes temáticas inseridas no(s) objeto(s) da disciplina, ou seja, as condições de produção dos discursos, dos quais o objeto vai emergindo. Esclarecendo, ainda, as relações discursivas não são ditas explicitamente no discurso da disciplina, mas se estabelecem a partir daquilo que *não foi dito* e que podem ser deduzidas das condições de produção do próprio discurso, a formação ideológica que se apresenta no indizível (Orlandi, 1996).

Tratando-se da ciência da informação, a preocupação discursiva está centrada nas *instâncias de delimitação*, pois é preciso dizer do limite da disciplina em relação às outras que estão próximas à linha de demarcação. Neste dizer discursivo, o indizível é marcado pela ideologia, de raízes positivistas, em comprovar que a ciência da informação é ciência. Buscam-se todas as provas para o *não é o objeto* do que realmente *o qual é?* Assim, o objeto da ciência da informação confunde-se com os de outras disciplinas correlatas.

O dizer mais lúcido sobre o objeto de estudo desta disciplina é apresentado, quase duas décadas depois, por Gonzalez de Gomez (1990, p. 117), ao tratar dos *paradoxos e desafios* envolvidos na discussão de tal temática. Diz a autora: *“A construção de um objeto de estudo e a definição de orientações da ciência da informação de pesquisas recorrem às alternativas das diversas narrativas da modernidade, ora na forma das dualizações históricas, ora na forma dos paradoxos”*.

Continua dizendo que o início para entender a construção do objeto seria entender que a *“informação incorporou-se no escopo da modernidade,”* sendo preciso considerar três paradigmas, ou seja, [...] *o sistema de recuperação de informação, as novas tecnologias de comunicação e informação e, por último, a ênfase na informação científica e tecnológica - a partir da valorização da ciência como força produtiva”*.

Tendo como fundamentação teórica a análise desenvolvida por Gonzalez de Gomez (1990) a respeito das implicações e complicações desse tripé paradigmático e das discussões aqui realizadas sobre os discursos de

outros autores, entendemos que a construção do objeto de estudo da ciência da informação não se limitaria apenas às investigações dos fenômenos da informação, mas iria mais além: abrangeria um modo específico em organizar a informação, tendo em vista a transdisciplinaridade que permeia a informação científica e tecnológica, sem desconsiderar a visão ideológica das condições de produção, nas quais o pesquisador da área está inserido.

## A formação das modalidades de enunciação

Para se poder identificar as relações discursivas existentes na formação das modalidades de enunciação, tendo como ponto de vista o ideológico, é preciso, primeiramente, conhecer a tipologia dos enunciados encontrados nos discursos da ciência da informação.

É possível distinguir uma tipologia dos enunciados a partir da década de 1970, quando se iniciou a revisão histórica dos escritos da disciplina, cujas primeiras publicações datam do final de 1950. Nos escritos da década de 1970, encontram-se:

- nas descrições quantitativas e na abordagem analítica das definições de ciência da informação. Os autores discutem a falta de consenso entre as definições apresentadas no período anterior. O ponto de vista marcante desses primeiros escritos, de origem positivista, é a busca em compreender a disciplina com as características de ciência, ou seja, que se mostrassem os paradigmas da ciência, no entender do positivismo (Wellisch, 1972; Sambaquy, 1978; Hayes, 1985; Rayward, 1985; Wright, 1985; Schreder, 1986; Costa, 1990);
- no relacionamento entre a ciência da informação e a Informática (Santos, 2001), com referência ao conceito de informação (Wellisch, 1972; Zaher & Gomes, 1972; Schrader, 1984);
- na demarcação de limites entre as ciências da informação no ensino da biblioteconomia. O objetivo era justificar a definição das funções; ou seja, mostrar a diversidade e extensão dessa disciplina;
- no desenvolver esquemas e bibliografias para os pressupostos da área (Mercado, 1974, p. 66);
- nas investigações sobre a terminologia da disciplina e da informática (Wellisch, 1972; Schrader, 1983; 1986; Santos, 2001);
- nas investigações sobre o(s) objeto(s) da ciência da informação.

Wellisch (1972, p. 158) compara este saber com a informática; Zaher & Gomes (1972), além disso, também traçam paralelo com os objetivos daquelas disciplinas que a antecederam; Gonzalez de Gomez (1990) tem como enfoque analisar dentro de paradigmas epistemológicos a formação do objeto da ciência da informação, trazendo a historicidade discursiva para a cena da compreensão.

- na formação do campo da disciplina.

Este enfoque refere-se à abordagem de cunho histórico, no qual se buscam os antecedentes que deram origem à ciência da informação.

O intuito em compreender como as modalidades de enunciação se formaram está diretamente ligado ao desvendar o determinismo existente nos enunciados de uma disciplina. Para tanto, faz-se preciso investigar quem fala nesses enunciados. Qual é o *status* de quem fala? O *status* de quem fala é regulamentado pelos *critérios de competência e de saber*. Entretanto, tem o

falante o direito regulamentar de proferir tal discurso? Quais são os *critérios de competência e de saber*?

A competência de quem fala no discurso da disciplina é quem tem créditos para refletir e descrever a formação das modalidades de enunciação, pois o discurso não pode estar desvinculado do sujeito que tem o direito de falar. Mas quem ou o que confere ao sujeito o direito de falar?

O sujeito que tem o direito de falar está investido do poder dizer, ou seja, aquele reconhecido por instituição acadêmica pelo seu saber e que tem como espaço do discurso o local especializado e credenciado para o exercício do poder discursivo.

Na esfera intertextual discursiva são convencionadas as possibilidades e o poder dizer a respeito de um determinado conhecimento; não há, portanto, rompimento com as regularidades discursivas que foram estabelecidas pelos grupos acadêmicos. Assim, o livro “[...] *está preso a um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede* [...]” (Foucault, 1997, p. 36). Os textos, portanto, não têm a originalidade da pureza porque cada um se relaciona com os que o antecederam, formando, assim, a malha da rede discursiva.

No ato de citar, são tecidas as malhas para a conjugação discursiva dos textos, solidificando-se a polifonia intertextual, que pode também marcar a presença dos sujeitos escolhidos em poder dizer.

A categoria autor, definida pelo nome do sujeito que fala no discurso acadêmico, identifica a autorização em poder dizer, pois é aquele que tem o direito de falar, embora relativizando o seu papel como produtor de conhecimentos, no universo discursivo.

É preciso, portanto, analisar a história das condições de produção dos textos, de disseminação e de apropriação do conhecimento. É justamente nessa história que se pode encontrar o sentido das palavras de Foucault (1997, p.227), quando ele diz: “[...] *em suma, não quis excluir o problema do sujeito, quis definir as posições, as funções que o sujeito podia ocupar, na diversidade dos discursos*”.

Mais diz o autor, sobre os modos como o sujeito assume o seu discurso. “*Analisar uma formação discursiva é, pois, tratar um conjunto de performances verbais, em nível dos enunciados e da forma de positividade que as caracteriza; ou, mais sucintamente, é definir o tipo de positividade de um discurso*” (Foucault, 1997, p.144). É, ainda, “[...] *libertar a história do pensamento de sua sujeição transcendental*” (Foucault, 1997, p.230).

A linguagem científica não se concretiza sem a fala do sujeito e nem com a neutralidade do que é dito. *O sujeito* está inserido em um contexto acadêmico, que estabelece as normas de *poder e não poder*, garantindo ao autor uma ligação científica que se pretende impessoal e neutra, em nível do que se diz, mas implícita no não dito, na subjetividade de quem *pode dizer*. As marcas de intencionalidades presentes em convencer o leitor da verdade constitutiva do conhecimento científico revelam as relações e os *contratos sociais estabelecidos* pela argumentação discursiva. Então, ainda mais perguntando: De que local credenciado fala o sujeito? De quais instituições acadêmicas o falante obtém o seu discurso?

O cientista da informação pode proferir o seu discurso, assim como os sujeitos de outras disciplinas, da universidade; da biblioteca; dos centros de documentação; dos institutos de pesquisas, nas publicações acadêmicas (dissertações, teses, artigos de periódicos, livros).

Além do lugar de onde fala o sujeito do discurso, que o torna competente para o poder dizer, faz-se necessário também conhecer *as posições dos sujeitos*

a quem são conferidas a investidura deste poder discursivo. Desde o momento em que surgiram os primeiros discursos da ciência da informação, já se pôde perceber a preocupação entre as práticas biblioteconômicas e a teoria que aflora da nova disciplina. São elas:

- a) as relações entre o espaço vivido na biblioteca e o conjunto de técnicas que se abrem para a fundamentação teórica da disciplina;
- b) as relações entre a fundamentação teórica de outras disciplinas que constituem o campo interdisciplinar da ciência da informação.

Entretanto, a partir das análises realizadas pelos diferentes autores que tratam da ciência da informação, vão se concretizando em uma prática as *regularidades discursivas*, que manifestam: “[...] *as posições dos sujeitos em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos. Essas posições são desenvolvidas em conjunto discursivo, no qual se nota a dispersão do sujeito e a sua descontinuidade em relação a si mesmo*”. (Foucault, 1997, p. 62).

Assim, o discurso do cientista da informação é pautado pelas posições assumidas pelo sujeito que fala, tendo em vista a multiplicidade de campos para os quais são organizados as informações e os conhecimentos, ligados à ciência e à tecnologia. É importante enfatizar que os estudos de organização se concretizam em novos instrumentos e sistemas de registro, de descrição, de notação, de classificação, de disseminação e de recuperação dos conhecimentos, o que implica, certamente, em novos métodos de ensino e de tratamento do(s) objeto(s) de pesquisa da disciplina.

## A formação dos conceitos

As famílias discursivas dos conceitos da ciência da informação constituem-se na década de 1970 e 1980, tendo como enfoque as publicações surgidas no final das décadas de 1950 e de 1960. No entanto, na análise dos conceitos ressalta-se que essa descrição conceitual não é evolutiva, mas essencialmente dialética, pois “*O objeto científico não é natural, mas um objeto construído*” (Machado, 1981, p. 36). Assim, faz-se necessário descobrir as rupturas, as dispersões da construção discursiva dos conceitos da disciplina.

A partir de levantamento das definições, Wellisch (1972) e Schrader (1983, 1984 e 1986) compilaram os termos utilizados nas publicações de décadas anteriores, realizando uma estatística da frequência deles, acreditando que desse modo poderiam chegar a um consenso sobre o conceito da ciência da informação.

As unidades discursivas do primeiro momento tiveram como enfoque estabelecer definições para a ciência da informação, tendo como ponto de vista uma abordagem de uma proposta empírica.

Em um segundo momento (início da década de 1970 até meados de 1980), o foco direcionou-se para a construção e a descoberta de um consenso, a partir da quantificação terminológica das definições registradas no primeiro momento da ciência da informação, cujo método, acreditava-se, poderia configurar o conceito.

A ideologia que permeou esses primeiros discursos sobre a construção do conceito da ciência da informação visavam conquistar para a disciplina o estatuto de ciência, tendo como alicerce a teoria positivista. Era a busca pelo estatuto de cientificidade. A intenção era providenciar a *prática política* acadêmica e científica para que os pesquisadores da área pudessem exercer o discurso científico.

As formações discursivas das disciplinas estão marcadas pelo dilema ciência ou saber? e o método de análise histórica visualiza o discurso como saber e não como ciência (Foucault, 1997). Nesse dilema existem duas

dificuldades: a) delimitar o campo discursivo de uma disciplina; b) compreender a natureza de um campo de conhecimento a partir da polifonia dos discursos. Essa polifonia é veiculada pelas fontes que são credenciadas pelos grupos da comunidade científica.

Na primeira dificuldade, é preciso lembrar que nas quatro hipóteses básicas discutidas por Foucault, ele chega: “[...] *à conclusão de que um campo discursivo não se caracteriza pelos objetos que estuda, pelas modalidades de enunciação, pelos conceitos ou pelas temáticas privilegiados, mas sim pela maneira pela qual se formam seus objetivos*”. (Alvarenga, 1999, p. 6).

Em 1985, Hayes, Rayward e Wright publicam três artigos que discutem a história da biblioteconomia, analisando, em um número específico do periódico (v.20, n. 2), a perspectiva histórica das implicações entre a ciência da informação e a biblioteconomia. Nesse momento, há uma ligação entre o discurso e a prática política, passando pela ideologia.

As famílias discursivas descritas formam uma seqüência de sistemas conceituais, buscando nos enunciados, em que aparecem e circulam, a organização das formas de sucessão. A caracterização do *campo enunciativo* da ciência da informação vem-se estabelecendo em formas de *coexistência* dos enunciados, retomados nos diferentes momentos em que se definem as famílias de conceituação.

Os procedimentos de intervenção estão ligados ao domínio de memória histórica, cujos elementos constitutivos relacionam-se em *hábitos retóricos* uns aos outros, compondo a formação discursiva que determina os conceitos.

O conjunto das relações que forma um *sistema conceitual* são regidos por *dispersões*, que, na prática discursiva, ocupa o lugar de onde, nos discursos, emergem os conceitos. No caso da ciência da informação e da biblioteconomia o foco principal é o da abordagem relacionada com o processamento da informação, ou seja, o modo como a informação é processada em cada um dos campos, pois o fenômeno do uso do computador provocou a discussão da conceituação das áreas correlatas. No entanto, a *rede conceitual* é constituída nas regularidades discursivas, pois: “[...] *as regras de formação têm seu lugar não na mentalidade ou na consciência dos indivíduos, mas no próprio discurso; elas se impõem, por conseguinte, segundo um tipo de anonimato uniforme, a todos os indivíduos que tentam falar nesse campo discursivo*” (Foucault, 1997, p. 69-70).

Ao analisar os artigos de Rayward, Miksa e Wright, publicados no mesmo periódico (v. 20, n.2), Hayes afirma que:

“[...] *Hegelian historical dialectics is alive and active in the three papers that serve as the starting point for this commentary. Each of them presents the classical succession - thesis, antithesis, synthesis - with librarianship as the thesis and information science, in one or another interpretation, as the antithesis*” (1985, p. 173).

Rayward (1985) focaliza a bibliografia e a documentação como a possibilidade de entender a ciência da informação, pois ambas são vistas como antíteses e a biblioteconomia seria a síntese.

Miksa (1985) discursa sobre o *practical knowledge*, uma das cinco categorias do conhecimento, propostas por Machlup, que são identificadas com a ciência da informação; enfatiza que o processo dialético, referente



às categorias, está inserido tanto nas atribuições da biblioteca em buscar o conhecimento total, que se realiza na teoria, como também na inclusão do conhecimento prático.

Wright (1985), nas palavras de Hayes (1985):

*"[...] focaliza a moldura mais estreita - específica do contexto histórico - e apresenta a 'automação' como a antítese da biblioteconomia; ele vê a filosofia e a abordagem de Shera como o significado da síntese embora de conflitos pessoais e políticos ao mesmo tempo".*

Assim, a ciência da informação é focalizada de três diferentes modos nos artigos relacionados:

a) ao conteúdo dos livros e documentos, diferentemente da biblioteconomia que trata dos registros físicos de livros e documentos;

b) ao conhecimento prático, com o objetivo de resolver questões específicas. A biblioteconomia, por seu lado, tem como preocupação abranger toda a amplitude do conhecimento;

c) ao uso dos equipamentos computacionais e dos sistemas automatizados, enquanto que a biblioteconomia busca entender os processos intelectuais que possam ajudar os usuários.

Hayes (1985, p. 174) entende que *"Information science is the study of the means by which organized structures (which we call 'information systems') process recorded symbols to meet their defined objectives."*

Para Hayes (1985, p. 174-175), a ciência da informação é *"[...] the study of the processes by which such catalogs are maintained and used."*

O catálogo da biblioteca é, para Hayes (1985, p. 177), um sistema de informação, assim como a informação da ciência é vista como um sistema de informação. Considera que foram os problemas da biblioteconomia que influenciaram o aparecimento do computador e que o catálogo descritivo e o catálogo de assuntos precisam do computador para atender a quantidade de documentos e de relatórios.

Concluindo, Hayes (1985, p. 177-178) afirma que os exemplos dialéticos dos artigos são evidentes e que a ciência da informação não é *"[...] the result of a specific set of needs and events,"* mas é maior do que se pode ver.

Do estudo dos artigos, compreendemos que a organização do conhecimento é realizada no campo das disciplinas, cujas formações discursivas elaboradas nas pesquisas desenvolvidas e publicadas nas diferentes áreas do saber, como é o caso da ciência da informação. O campo de conhecimento tem se concretizado nas práticas discursivas, com a apresentação de categorias de estudos e análises teóricas da polifonia epistemológica, manifestadas na *dispersão*, interactantes na intertextualidade dos discursos.

O mesmo enfoque epistemológico da disciplina (com base na teoria Foucaultiana) encontra-se em Alvarenga (1998), quando realiza uma revisão dos autores interactantes na intertextualidade dos discursos presentes nas publicações (Radford, 1992; Pierce, 1992). Lembra que existe um enfoque epistemológico de Foucault nos teóricos clássicos da disciplina como Solla Price, Jesse Shera.

O dilema *ciência ou saber?*, de acordo com Foucault, diferencia-se pelo método de análise histórica que visualiza o discurso como saber e não como ciência.

## A formação das escolhas estratégicas

Os *temas* e as *teorias* de uma área do saber formam as diferentes

possibilidades de escolha das estratégias, que determinam o modo de estudo desta ou daquela disciplina (Foucault, 1997, p. 71). Para poder fazer a opção por uma específica (ou várias) estratégia, a questão é saber como ela vem se consolidando no processo histórico da disciplina. A resolução do problema, para Foucault, estaria em encontrar entre as idéias temáticas e as teóricas uma regularidade e na capacidade do pesquisador interpretar o sistema comum que integrou a formação discursiva do saber da disciplina (Foucault, 1997, p. 71).

A biblioteconomia e a ciência da informação têm-se distinguido por abordagens metodológicas positivistas, racionalistas e cognitivistas, que constituem as teorias dominantes da área. Neste trabalho, quando da formação do conceito da ciência da informação, Hayes, Rayward, Miksa, Wright (1985, v.20, n.2) analisaram a disciplina de uma perspectiva histórica, trazendo a dialética como discussão. Só o título desse periódico já demonstra uma preocupação com uma linha metodológica, que privilegia a dialética como ponto de partida para as discussões.

Nestes últimos dez anos, novas abordagens metodológicas têm sido estudadas, trazendo para a área um tratamento discursivo, que é permeado por teorias do conhecimento e discussão dialética das temáticas. As novas visões teóricas estudam a biblioteconomia, até há pouco, de cunho tecnicista e estruturalista, em abordagens voltadas para a dialética. Nesses novos enfoques, os pesquisadores buscam uma perspectiva interdisciplinar, um caminho metodológico advindo das teorias do conhecimento de outras disciplinas, que possam sedimentar as análises e discussões filosóficas e sociológicas, que são merecidas pela ciência da informação.

A abordagem epistemológica de Foucault rompe com a história dos conceitos, que fundamentam determinadas ciências, pois o enfoque eleito é aquele que se dirige para o estudo da constituição de *temas* voltados para específicas configurações do saber e que são marcados por *dispersões*. Assim, esta disciplina constitui-se à medida que temáticas novas surgem, com o aparecimento de tecnologias e do domínio de novos conhecimentos, que precisam ser desprovidos das estruturas marcadas pelas séries sistêmicas. As *ilhas de dispersão* criam o impacto, que obriga análises minuciosas para o entendimento epistemológico do discurso da disciplina.

O impacto de análise está configurado na organização do conhecimento, na recuperação da informação, no modo de uso dos canais de comunicação, no desempenho do cientista da informação. No entanto, é preciso lembrar que há uma vinculação marxista entre a teoria e a prática e que os estudiosos da teoria do conhecimento guardam uma dependência com o contexto histórico e social.

## Conclusões

A terminologia da ciência da informação tem-se constituído a partir dos discursos que buscaram conceituar a disciplina, delimitar o objeto de estudo, tratar da formação dos conceitos, buscar um modo próprio de enunciar as descobertas de um novo conhecimento e construir as estratégias de opções teóricas. O termo que hoje nomeia a disciplina somente foi primeiro usado em 1959, na *Conferência Internacional sobre Informação Científica*.

Nas décadas de 1950 e 1960, a literatura aponta os conceitos como área do saber, buscando na história e na epistemologia a compreensão da ciência da informação.

Ao assumir a nova terminologia, que se especifica para a área, a ciência da informação, por meio da análise discursiva, traz a marca ideológica de origem

empírico-positivista que caracterizou os anos 60 e 70 do século XX, quando manteve uma preocupação em demonstrar a cientificidade da disciplina. A ciência da informação precisava mostrar à academia que possuía os foros de ciência. Para tanto, buscou nos antecedentes do dizer histórico o estatuto que caracteriza as ciências. Além dessa primeira preocupação, teve também a necessidade de justificar as demarcações dos limites com as outras disciplinas.

Os modos de acesso, de recuperação, de transferência, de processamento e de *links* podem compor (o que acreditamos) as formações das estratégias da disciplina, constituindo, assim, a sua própria metodologia, que também difere da biblioteconomia e documentação.

Avaliar, gerenciar (ou controlar), mecanizar (ou automatizar) e estudar os processos, isto é, a criação-transferência e uso da informação, vão igualmente provocando a formação do objeto, a formação do conceito e o aparecimento de uma metodologia específica para a ciência da informação.

A característica de ser interdisciplinar e de ser oriunda de outras disciplinas trouxe de empréstimo para a ciência da informação a terminologia de outras áreas do saber, como a bibliografia, a documentação, a biblioteconomia, a administração, a informática (Santos, 2001) e aquelas que se interagem em trocas terminológicas.

Dessa forma, a constituição terminológica da ciência da informação concretiza-se a partir dos termos das disciplinas correlatas.

Esse aporte terminológico também pode ser notado na preocupação com a definição da grade curricular dos cursos de graduação em biblioteconomia e ciência da informação, os quais privilegiam, desde as décadas 1950 e 1960, as disciplinas auxiliares, que se ligam à área da ciência da computação.

Nesse modo de organização da ciência da informação, aflora a voz do sujeito que tem o direito de falar nas formações discursivas da área.

É preciso tão somente participar da formação do discurso da ciência da informação, trazendo as novas abordagens para a discussão.

## Information science terminology: the discourse analysis approach

*The purpose of this investigation was to grasp the scope of information science, based on Foucault's post-structuralist perspective. The paper identifies the discursive formations that are present in the information science's scientific publications and describes the terminology concerning the discourses. For this purpose the following questions were defined: How did the formation process of information science take place? How is the construction of science information terminology being processed?*

**Key-words:** Discourse analysis; Information science - Ideology; Information science - Discursive formations.

## Referências

ALVARENGA, Lidia. Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault - traços de identidade teórico-metodológica. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 27, n. 3, p.253, 1998.

ARAÚJO, V. M. H.; FREIRE, I. M. A responsabilidade social na Ciência da Informação. *Transinformação*. Campinas, v. 11, n.1, p.7-15, jan./abr. 1999.

BALL, S. J. *Foucault and Education: disciplines and knowledge*. London: Routledge, 1992.

- BOULANGER, J. Alguns componentes lingüísticos no ensino da terminologia. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 24, n.3, p.313-318,1995.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 5.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 24, n. 3, p. 289-298,1995.
- COSTA, A. F. C. da. Ciência da Informação: o passado e a atualidade. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 19, n. 2, p. 137-143,1990.
- EVANGELISTA, Rosana. *Objetos de estudo das dissertações do Mestrado em Biblioteconomia da PUC-Campinas: uma contribuição para o referencial teórico da área*. 2001. 2v. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Faculdade de Ciência da Informação, PUC-Campinas.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- GALVÃO, M. C. *Ciência da Informação: um estudo epistemológico*. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes - USP.
- GOMES, H. E. Estudo científico da terminologia: tendências. *Trad Term*, v. 1, p. 97-106,1994.
- GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. O objeto de estudo da ciência da informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-22,1990.
- HAYES, R. M. The History of Library and Information Science: a commentary. *The Journal of Library History. Philosophy & Comparative Librarianship*, v. 20, n. 2, p. 173-178,1985.
- HENRY, P. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993 (Coleção Repertórios).
- LUCAS, C. R. A organização do conhecimento e tecnologias de informação. *Transinformação*. Campinas, v. 8, n. 3, p.59-65,1996.
- \_\_\_\_\_. Biblioteconomia: produção e administração da interpretação. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 26, n. 1, p.46-53,1997.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas: Pontes, 1997.
- MERCADO, A. G. Las ciencias de la información en la escuela de Bibliotecología. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, mar. p. 65-106,1974.
- MIKSA, F. L. Machlup's categories of knowledge as a framework for viewing Library and Information Science History. *The Journal of Library History. Philosophy & Comparative Librarianship*, v. 20, n. 2, p. 157-172,1985.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1991.
- RAYWARD, W. B. Library and Information Science: an historical perspective. *The Journal of Library History. Philosophy & Comparative Librarianship*, v. 20, n. 2, p. 120-136, 1985.
- SAMBAQUY, L. Q. Da Biblioteconomia à Informática. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 51-60,1978.
- SANTOS, C. R. P. *Ciência da Informação X Informática: em busca da interdisciplinaridade terminológica*. Campinas, 2001. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia - PUC-Campinas.
- SCHRADER, A. M. In search of a definition of library and information science. *Canadian Journal of Information Science*, n. 9, p. 59-77,1983.
- \_\_\_\_\_. In search of a name: Information Science and its conceptual antecedents. *LIRS*, n. 6, p. 227-271,1984.
- \_\_\_\_\_. The domain of Information Science: problems in conceptualization and in consensus-building. *Information Services & Use*. North Holland, v. 6, p.169-205,1986.
- SHERA, J. H. Sobre Bibliotecología, documentación y ciencias de información. *LIBRI*, v. 1, n. 1, p. 22-35, set./dic. 1973.
- WELLISCH, H. From information science to informatics: a terminological investigation. *Journal of Librarianship*, n. 4, p.151-187,1972.
- WRIGHT, H. C. Shera as a bridge between Librarianship and Information Science. *The Journal of Library History. Philosophy & Comparative Librarianship*, v. 20, n. 2, p. 137-156,1985.
- ZAHER, C. R.; GOMES, H. E. Da Bibliografia à ciência da informação: um histórico e uma posição. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, p. 5-7,1972.